

ANNA JUSTINA FERREIRA NERY



O presente texto foi apresentado na Academia Brasileira de História da Enfermagem, em 16 de dezembro de 2023, durante a outorga do título de Acadêmico da instituição, nas dependências da Escola Superior de Guerra, no Rio de Janeiro - Brasil.

Minha patronesse para a cadeira número 5 é Anna Justina Ferreira Nery. A motivação para o nome foi devida ao investimento intelectual no ano de 2009, no Estágio Pós-doutoral na Escola de Enfermagem da USP, ao ter como tutora a Dra. Taka Oguisso – primeira acadêmica da ABRADHENF.

À época, a missão a mim dada por Taka Oguisso, foi localizar o assentamento de nascimento de Anna Nery. Isto em virtude da divergência ortográfica da letra “n” dobrada ou não em seu nome para que fosse possível triangular com outros documentos, o que assim foi feito.

De fato, o nome de Anna é com a letra “n” dobrada, mas em diversos documentos, monumentos, poemas, artigos, capítulos, livros acadêmicos de literatura é possível encontrá-lo com apenas um “n”.

O documento foi localizado na Universidade Católica do Salvador/Laboratório de Conservação e Restauração – Salvador (BA), antes não divulgado no meio acadêmico, o que gerou o artigo publicado na Revista Enfermagem em Foco, intitulado Nome da Mãe dos Brasileiros¹, bem como outros, tais como: Os Elementos Simbólicos do Monumento Anna Nery no Rio de Janeiro, publicado na Revista Gaúcha de Enfermagem²; Rito institucional em tributo de Anna Nery: Salvador (Ba), século XIX, na Revista de Pesquisa: cuidado é fundamental online³; e Anna Justina Ferreira Nery: exame microscópio da biografia e pós-passamento, na Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia⁴.

Assim, ocupar a cadeira com o nome Anna Justina Ferreira Nery, também, é uma das formas de homenagear a Enfermeira, Professora, Doutora e Pesquisadora Taka Oguisso que acreditou na ideia embrionária para estarmos aqui hoje na ABRADHENF.

Ter como patronesse Anna Justina Ferreira Nery, como enfermeira de ofício do século XIX e não como profissional, é lembrar que o contexto era outro. Isto, ao menos até 27 de setembro de 1890 quando da criação da primeira Escola Profissional de Enfermeiros e Enfermeiras foi criada e hoje com 133 anos, como Escola de Enfermagem Alfredo Pinto.

Considerações apresentadas, trazer aos presentes a trajetória de heroína, Dama da Caridade, Mãe dos brasileiros e outras adjetivações são revelações redundantes pelas minhas e dos meus pares nas pesquisas e homenagens, desde poemas a nomes de instituições, por exemplo, dedicados a ela.

Minha proposta em tê-la como patronesse é avançar em outra camada da sua biografia. Dito de outra maneira, é entender Anna Nery como brasileira, mulher, mãe, enfermeira de ofício, como bem instiga a historiadora, já não mais presente entre nós, Maria Lucia Mott, em suas palavras “Ana Néri: uma personagem muito festejada, mas pouco conhecida”, no sentido de carne e osso – pessoa e não como vulto histórico⁵. Nessa perspectiva, precisarei assumir os motivos que levaram Anna Nery à Guerra do Paraguai – da Triple Aliança -, para além de voluntária e acompanhar filhos e sobrinho no conflito bélico.

Anna, natural do estado da Bahia, da cidade de Cachoeira próxima ao Recôncavo Baiano a 111 km de distância da capital Salvador, com diversas manifestações culturais desde ritualísticas católicas às de matriz afro-brasileira.

O rio Paraguaçu, ao cortar a cidade de Cachoeira, presenciou o seu nascimento e a sua saída para Salvador, onde morou quando partiu para a região sul do Brasil rumo ao campo de conflito bélico, ainda, pouco esclarecido pela literatura acadêmica, apesar da obra literária de João Francisco de Lima (1977), intitulada Ana Néri - heroína da caridade.

Cabe destacar que ela não foi à única mulher a estar na Guerra da Tríplice Aliança, inclusive com discussão de que Felisbina Rosa – paulista – teria chegado antes de Anna no conflito, mas sem o destaque social merecido, bem como Anunciação Fernandes e Silva, Antonia Alves Feitosa, Florisbela, Preta Ana, Pancha Garmendia, Maria Francisca da Conceição, Anita Gargalhada, Maria Fuzil, Elisa Lyuch, Francisca Yegros de Yegros e Ludovina Portocarrero⁶.

Ao retornar do conflito bélico, Anna foi homenageada e com ela vieram 6 meninas ditas órfãs. Delas, pouco nós sabemos para além de registro fotográfico que pesquisadores questionam, por exemplo, “O que faziam as crianças em campo de batalha? Como se deu o encontro de Anna Nery com tais órfãs?”^{7:344}.

No retorno do conflito, em 1870, Anna se instalou no Rio de Janeiro até dar o seu último suspiro em 20 de maio de 1880. Porém, em pesquisas realizadas por Maria Lucia Mott, Anna Nery teve uma enfermaria de atendimento aos necessitados – pobres, negros, escravos e similares - quando indícios apontam não serem gratuitos.

A enfermaria foi criada em outubro de 1871 e em 29 de julho de 1875, Anna Nery solicitou apoio financeiro, por meio de 4 loterias à Corte, com indeferimento, em 22 de setembro de 1875.

A solicitação negada teve sob argumentações de que: o local não possuía autorização de funcionamento pela Junta de Higiene Pública da Corte; existência de hospitais públicos que ofereciam serviços em melhores condições e de forma gratuita; e a alta taxa de mortalidade com 14% (MOTT, 2002).

Anna Nery, apesar das homenagens e reconhecimento social, careceu de poder e prestígio para o deferimento do seu pedido. O processo na íntegra, ainda, não foi localizado, apenas o resultado do indeferimento custodiado no Arquivo Nacional.

Journal de Dados PPGENFBIO

Isso me faz recordar a homenagem recebida por Anna ao chegar do conflito, por suas compatriotas no Rio de Janeiro, com uma coroa de flores, em folhetos dourados.

O artefato se encontra localizado no Museu de Artes de Salvador e é bem diferente das descrições apresentadas por diversos biográficos até meados do século XX, quando relatavam ser ele confeccionado em metal ouro e cravejado de brilhantes, puro engano.

Ao se pesquisar sobre a simbologia das flores temos por inferência se tratar de camélias, tendo por decodificação a representação simbólica dos abolicionistas. Isto conduz a questão: Anna Nery seria de posição abolicionista ou foi influenciada?

As perguntas e indícios das informações e dados foram mais uma das motivações para denominar a cadeira número 5, como Anna Justina Ferreira Nery. Tais fatos/acontecimentos se tratam de outra camada biográfica dela que merece ser revelada para explicar, para além das homenagens recebidas.

Assim sendo, como podemos identificar, são várias as lacunas na camada biográfica de Anna Nery. E há quem pense que ela estaria completa, encerrada ou similar, mas minha proposta na abordagem da micro-história pode ser exemplificada por meio de uma passagem de autoria do historiador Durval Muniz de Albuquerque Júnior, a saber:

“O fato histórico é sempre sangue coagulado que volta a escorrer impulsionado por algum sonho, ferida que se faz no presente pela descoberta da violência lancinante que o separou do passado, brasa que volta a queimar após reavivada pelo gesto que remove as cinzas que haviam se apaziguado”^{8:154}.

Esse é o desafio que me imponho, pois é isto que me move na vida, a descoberta, as dificuldades, o velado, pois a conquista é um momento, enquanto o processo de pesquisar é o que me guia.

Assim, fico por aqui, mas antes preciso agradecer a minha chegada até aqui e começo pela

- Minha mãe, Therezinha Felix Rocha Porto que com linha e agulha me proporcionou a minha educação;
- Minha avó paterna, Maria Anunciada Dantas, enfermeira, em 1932, pela Escola de Enfermagem Anna Nery, que gostaria que eu tivesse sido um religioso católico, mas a vida me conduziu para outros caminhos;
- Ao companheiro Sergio Ramos sempre presente nas lutas, percalços e conquistas, bem como entender que sou feito de aço fino, envergo mais não quebro;
- Às mulheres que me ensinaram enfermagem para eu chegar até aqui, como por exemplo, Maria do Carmo Thaumaturgo, Tânia Cristina Franco Santos e tantas outras que aqui são representadas pelos nomes citados.

Journal de Dados PPGENFBIO

- Alguns docentes que me ensinaram e ensinam o ofício da docência e pesquisa em enfermagem e história: Maria Aparecida de Luca Nascimento, Maria Filomena Vancellote Pereira, Nélia Maria Almeida de Figueiredo, Almerinda Moreira, Osnir Claudiano da Silva Júnior, Wellington Mendonça de Amorim, Genival Fernandes Freitas. Mas também não posso deixar de registrar dois docentes no campo do bacharelado em história Éder Ribeiro e Silvia Borges. Outros nomes podem ter fugido da minha memória, mas sintam-se todos/as representados/as pelos/as mencionados/vocês fazem parte deste momento.
- A presidente Dra. Luciana Barizon Luchesi, ao Diretor de Pesquisa Dr. Gilberto Tadeu e Secretária da ABRADHENF Dra. Margarida Bernardes que entenderam os motivos do meu afastamento para se chegar a este momento.
- Por último, não menos importante à luz branca que me guia pela vibração produzida pela cor dourada, bem como a todos/as que me acompanham desde meu nascimento ao exercício de enfermeiro docente, historiador e pesquisador, e, especialmente, aos estudantes da graduação e pós-graduação, mesmo àqueles que não conseguem me entender e se afastam, pois vocês fazem parte deste momento também.

Obrigado a todos/as, inclusive, pela presença nesta materialização litúrgica ritualística.

Referências

- 1 Porto; Oguisso T. Nome da Mãe dos Brasileiros. Enfermagem em Foco 2011v.2, p. 77-80.
- 2 Porto F; Oguisso T . Os Elementos Simbólicos do Monumento Anna Nery no Rio de Janeiro, Brasil. Revista Gaúcha de Enfermagem (UFRGS. Impresso), 2011 v. 4, p. 719-726.
- 3 Lima D ; Porto F ; Oguisso T ; Neto M ; Nassar P . Institutional rite in tribute to anna nery: salvador (ba), 19th century. Revista de Pesquisa: Cuidado e Fundamental (Online), 2013 v. 5, p. 3572-3579.
- 4 Porto F. Anna Justina Ferreira Nery: exame microscópio da biografia e pós-passamento. Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, 2020.
- 5 Mott M. L. Ana Néri: uma personagem muito festejada, mas pouco conhecida. Revista do Instituto Geográfico e Histórico do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002 n. 415 pág 203-207. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/0B_G9pg7CxKSSMjN0Vi03OEtwUzg/view?resourcekey=0-6pNtDjxfxTgLnUtdtd2ltg. Acessado em 9 dz 2023
- 6 Nassar, Pedro. Guerra da Tríplice Aliança no jornal El Centinela (1867): ambiente, corpo e cuidados prestados aos acometidos. [dissertação de mestrado]. Programa de Pós-Graduação em Enfermagem, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.
- 7 Cardoso MMVN e Miranda CML. Anna Justina Ferreira Nery: um marco na história da enfermagem brasileira. Rev. Bras. Enferm, 1999 n. 52 v.3. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71671999000300003>.
- 8 Albuquerque Júnior DM História – a arte de inventar o passado. Bauru (SP); Edusc, 2007.

Autor

Fernando Porto – Enfermeiro e Historiador. Doutor com pós-doutoramento pela USP. Docente da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Coordenador do Programa de Pós-Graduação Enfermagem e Biociências. Docente da Escola de Enfermagem Alfredo Pinto. Líder do GP LACUIDEN e Acadêmico da ABRADHENF (2023).

